

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Santa Cruz**

código  
AVI - FO5 - DB

localização  
a 2,5 km do centro de Duas Barras, a partir da Rua Monnerat

município  
**Duas Barras**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**lavoura / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fazenda Santa Cruz, vista geral

coordenador / data **Francyla Bousquet – mai 2010**  
equipe **Francyla Bousquet, Priscila Oliveira e Margareth Dias**  
histórico **Francyla Bousquet**

revisão / data  
**Dina Lerner – nov 2010**



situação



ambiência

Antes de chegar ao centro histórico de Duas Barras, entra-se à esquerda, na Rua Monnerat, que tem como esquina oposta um posto de gasolina. Desse ponto, segue-se pelo asfalto, sempre em frente, até o início de uma estrada de terra, percorrendo-se cerca de 2 km (01). Mantendo-se sempre à esquerda, avista-se o portão da Fazenda Santa Cruz, cuja sede fica mais ao alto (f02), encoberta por vegetação (ver foto de capa) Logo na entrada, tem-se uma visão de quase todo o conjunto remanescente: à direita, a sede (f03), mais adiante, a antiga tulha, à frente, o engenho (f05), e à esquerda, um açude (f06), construído no local onde era o terreiro de café.



01



02



03

O conjunto arquitetônico constituído pelas instalações da Fazenda Santa Cruz e seus equipamentos se encontra implantado em área de fundo de vale (f07), cercado por morros de alturas variadas. Próximo à entrada da fazenda, é possível observar trecho de uma de suas encostas utilizada para o plantio da herbiácea (f08).



04



05



06



07



08

Uma das curiosidades ao se adentrar nos domínios da propriedade é a visão que temos da fachada posterior da sede. A fachada principal, que apresenta varanda alpendrada (ver foto de capa), está voltada para o lado oposto. Para se ter acesso à mesma, é necessário passar pela área hoje ocupada pelo curral da fazenda, de construção recente.

Atrás da ferramentaria – antiga tulha – estão o moinho e um antigo curral (f09). O moinho ainda se encontra em atividade (f10): o milho ali moído, dependendo da destinação, é preparado e separado em tamanhos de grãos diferentes, de acordo com a calibragem da altura da pedra de moagem (f11) – o milho mais fino vira canjiquinha ou fubá e o milho mais grosso serve de ração para os animais criados na fazenda. A água para o moinho vem de um dos braços do Córrego do Baú, que é conduzido através de uma fenda no terreno (f12), passando pelo subsolo e atravessando uma estrada interna da fazenda (f13). Mais adiante é finalmente coletado em um tanque de pedra (f14), que repassa a água para outros reservatórios, em sequência (f15), chegando finalmente à roda do moinho através de canalização (f16 e f17).

A partir desse ponto, a água segue (f18) para o antigo estábulo, engenhosamente construído de forma que a água corrente é represada em seu interior, servindo de bebedouro aos animais (f19 e f20).

Segue, então, o braço do córrego, passando por um pequeno lago artificial criado pelos proprietários, irrigando o jardim/pomar (f21), até ser coletado novamente pelo curso principal.



09



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21

Os edifícios da sede, tulha e engenho permanecem como testemunhos do conjunto original edificado. A sede da fazenda é uma construção de pavimento único (f22), partido de planta em “L”, com varanda alpendrada voltada para a face oposta a de acesso (f23), conforme já comentado. Possui guarda-corpo com gradil de ferro batido, e esbeltas colunas metálicas tubulares suportando o telhado (f24). Atualmente, a entrada secundária (f25) é utilizada como principal.

Exibe pintura decorativa externa de fatura mais recente, com marmorizados e barrados (f26 e 27), de qualidade diversa às realizadas pelos artistas contratados no passado para valorizar as suas arquiteturas. Conta-se na cidade que, por volta dos anos 20, um excêntrico artista plástico, de nome hoje desconhecido, morador da fazenda, executou tais trabalhos interna e externamente.



22



23



24





25



26



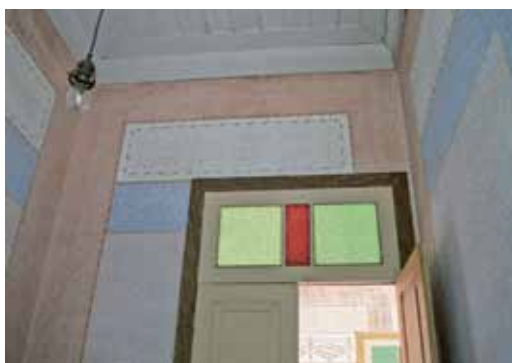
27

Independente das histórias que cercam a figura desse personagem, o fato é que tais pinturas ainda permanecem aplicadas às paredes dessa edificação, e curiosamente foram executadas com uma intenção plástica pré-determinada, de forma “descasada” em relação às aberturas internas das suas janelas e portas. Os vãos, muitas vezes, não se encontram enquadrados, como é habitual na composição dessas pinturas decorativas (f28 e f29), que também não apresentam o apuro e a qualidade estética comumente encontrada (f30) nessas edificações históricas. As pinturas são aplicadas, indistintamente, sobre uma camada de emboço áspero, o que as torna ainda mais rústicas e menos elaboradas (f31), por vezes aparentando “papel de parede”, sobre o qual se sobrepõem “falsos” quadros.

A sede conserva o ladrilho hidráulico original aplicado aos pisos, mas somente na varanda de entrada (f32); nas demais áreas, o revestimento foi substituído por cerâmica atual (f33), ou tabuado (f34). As esquadrias, azuis e brancas na face externa, apresentam folhas duplas de vedação, conjugando veneziana com postigo e vidro transparente (f35). As bandeiras, tripartidas, exibem vidros coloridos – verdes e vermelhos (f36) –, cuja coloração é também observada em outras edificações contemporâneas, em referência às cores da bandeira portuguesa.



28



29



30



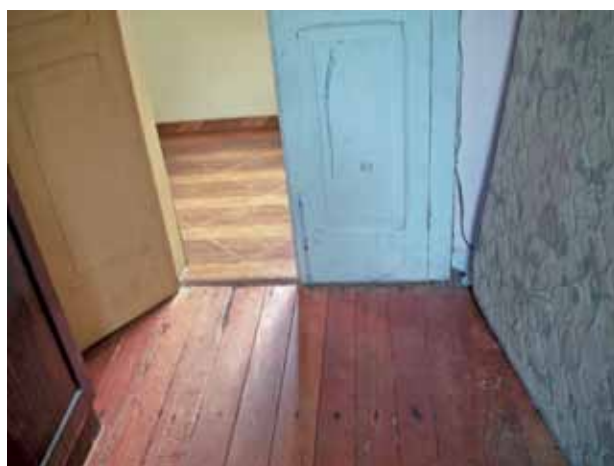
31



32



33



34



35



36

Analisando a disposição interna da planta, muito embora não se tenha mais o registro do uso original dos seus espaços, verifica-se que a área destinada ao convívio social é bastante restrita. À direita da entrada principal, há um conjunto de cômodos que compõem um setor diferenciado da casa, constituído por dois quartos, cozinha, banheiro e sala, com uma circulação interna e de acesso independente, que hoje é utilizado como residência à parte (ver prancha 2/4). A julgar pelo tamanho dos cômodos dessa área, é possível que fosse um adendo à área social ou destinada ao uso privativo da família.

Os demais cômodos são hoje utilizados como quartos, e possuem dimensões aproximadas. Uma circulação interna, que se inicia na sala de estar, permite a comunicação entre os mesmos e leva a uma área de serviço aos fundos, onde estão a cozinha, banheiro e depósito.

A antiga tulha, atualmente utilizada como ferramentaria, apresenta cobertura em telhas coloniais antigas, que se estendem além das alvenarias criando um avarandado. (f37). As grandes portas que se abrem para esse espaço coberto dão acesso a um interior que não exhibe mais o piso original, muito embora haja indícios da existência de um tabuado (f38). Essa edificação recebeu diversos acréscimos – garagem, depósito e varanda – conforme é possível observar em sua planta baixa (ver prancha 4/4). As paredes são em tijolos maciços, apoiadas sobre baldrames de pedra de mão.

Sem dúvida o engenho se apresenta como a edificação mais interessante desse conjunto, nem tanto pela arquitetura – um grande galpão com cobertura em duas águas, apresentando extensão de telhado para proteção do grande fogão a lenha e prensa (f39) –, mas pelos equipamentos que ainda dispõe.

Sua estrutura e concepção originais já foram um tanto alteradas, pelo acréscimo de varanda lateral (f40 e f41) e interrupção dos esteios no térreo (f42). No entanto, as engrenagens que movimentavam o engenho em todas as suas linhas de produção ainda estão lá, e o que é mais extraordinário, em funcionamento.

A entrada de água é feita através de tubulação, cuja captação provém do mesmo córrego que movimenta o moinho (f43).





38



39



40



41



42



43

A tubulação original foi encamisada com concreto, de forma a proteger a passagem de água dos problemas com corrosão e deterioração do ferro fundido. A água é então liberada para movimentar a roda d'água, chamada de roda de peltre, que é um semimetal formado por uma liga de estanho, antimônio, cobre e chumbo que incrementa em muito a dureza e a força mecânica do chumbo. A roda funciona com uma capa metálica de proteção (f44), que, ao ser retirada, exhibe uma série de pás que oferecem resistência à água que jorra (f45), movimentando assim toda a engrenagem que a ela estiver conectada.

Na foto 43, é possível ver, ao lado da roda, um eixo vazio – ali se colocava uma polia, que recebia uma correia que subia ao primeiro pavimento do engenho, para movimentar outras polias que lá estavam (f46 e f47) e que, por sua vez, transmitiam o movimento às máquinas de debulhar café.

Chega-se a esse pavimento superior através de íngreme escada de madeira (f48), localizada no interior do depósito de ferramentas e apetrechos utilizados nas produções do engenho (f49), como pás de madeira para mexer os tachos de rapadura, devidamente arrumadas em suporte suspenso, junto ao teto (f50).



44



45



46



47



48



49



50

A outra linha de produção era a de rapadura e açúcar mascavo – ainda na foto 43, do outro lado da roda, outro eixo recebia nova polia e correia, desta vez subindo para uma espécie de mezanino (f51) que há sob a cobertura da área de produção. Ali está a moenda de cana (f52 e f53). O caldo de cana era coletado e conduzido de forma aérea, através de tubulação metálica suportada por ganchos presos ao teto, até os tachos no fogão a lenha (f54 e f55), em trajeto demonstrado pela linha vermelha. Uma vez nos recipientes, o caldo era fervido e mexido com pás de madeira – segundo o proprietário, os funcionários ficam de pé sobre o fogão para conseguirem dar o ponto do caldo – e a intensidade do fogo era controlada através de pás de metal (f56), que eram colocadas ou retiradas em aberturas na base do equipamento (f57), conforme se quisesse diminuir ou aumentar o calor proveniente da fornalha.

Nessa área de produção também está a prensa, cujo parafuso de pressão em madeira apresenta rosca de três voltas (f58) – ali eram produzidos farinha e polvilho.

A produção de rapadura e açúcar mascavo ocorreu, até pouco tempo, dessa mesma forma descrita, tendo sido interrompida porque os proprietários infelizmente não conseguiram escoar a produção. Mas é impressionante ver o que parece ser um local de certa forma abandonado se encher de movimento simplesmente pela abertura de um registro d'água.



51



52



53



54





55



56



57



58

A fazenda, de modo geral, está bem conservada.

Foram observadas questões pontuais, como a perda de emboço com exposição do pau a pique – engenho (f59) –, bem como o apodrecimento de forro devido a problemas na cobertura (f60). No entanto, também se percebe o zelo pela manutenção quando vemos, em áreas consideradas altas, a tentativa de reparar os danos que teimam em aparecer (f61), mesmo sem a noção exata da maneira mais correta de fazê-lo.



59

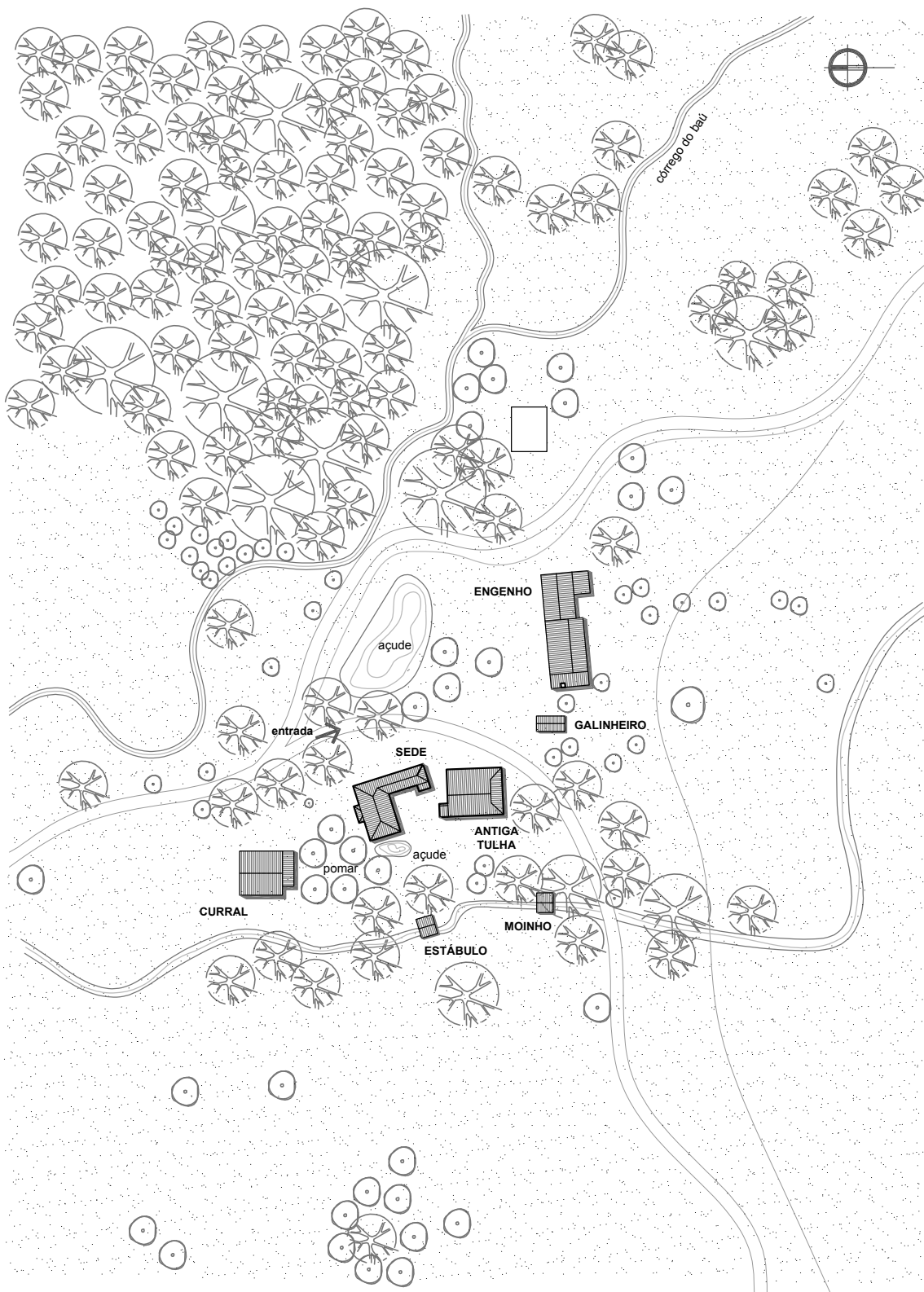


60



61

**FAZENDA SANTA CRUZ**



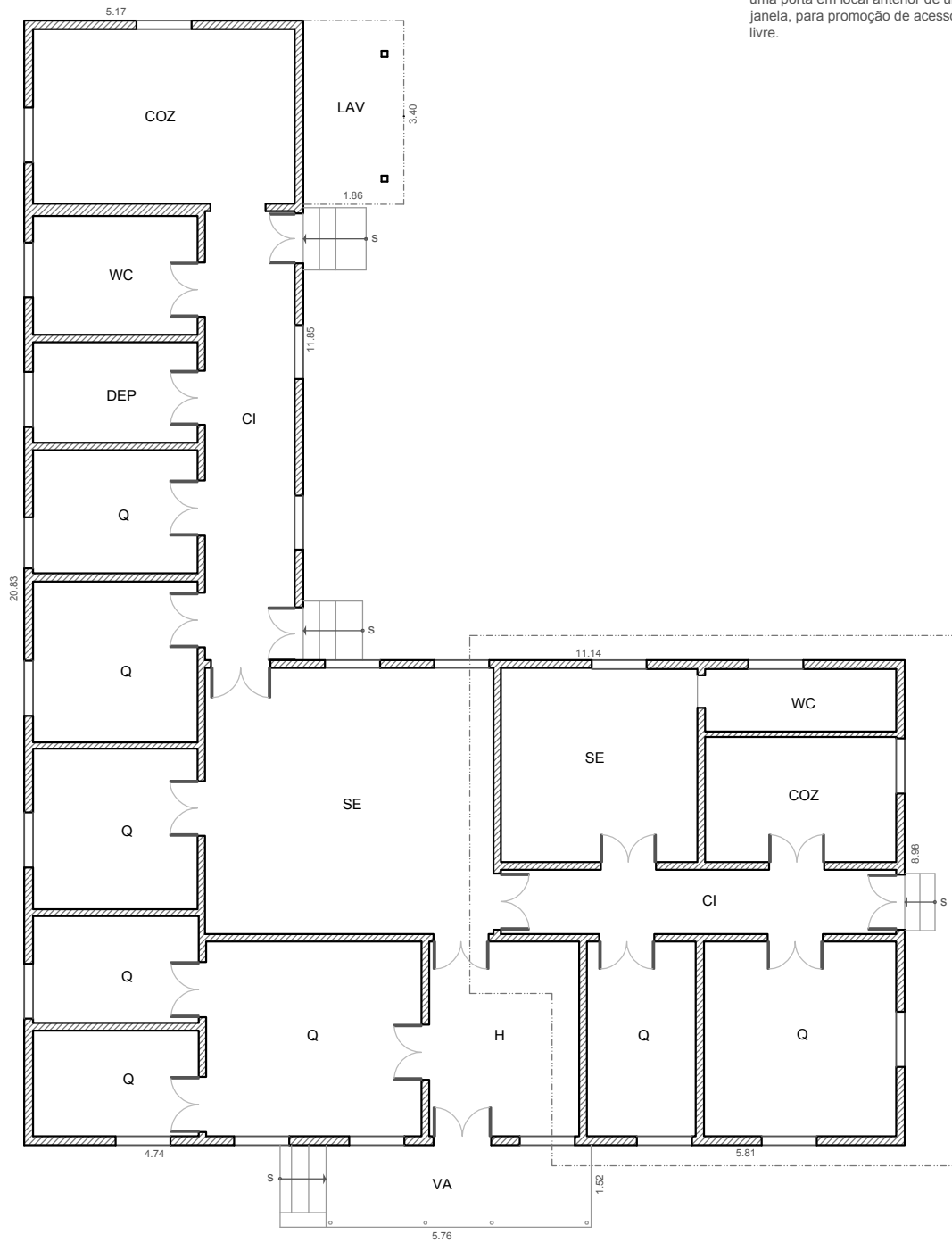
**1** Implantação  
escala: 1/1750  
0 5 10 40

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AVI - F05 - DB		<b>1/4</b>
equipe: Francyla Bousquet / Margareth Dias / Priscila Oliveira	desenhista: Margareth Dias	revisão: Francyla Bousquet	data: ago 2010	

**FAZENDA SANTA CRUZ**

Observações:

1. A área demarcada é utilizada atualmente como uma residência independente, tendo sido aberta uma porta em local anterior de uma janela, para promoção de acesso livre.



**1** Planta Baixa da Sede

escala: 1/125



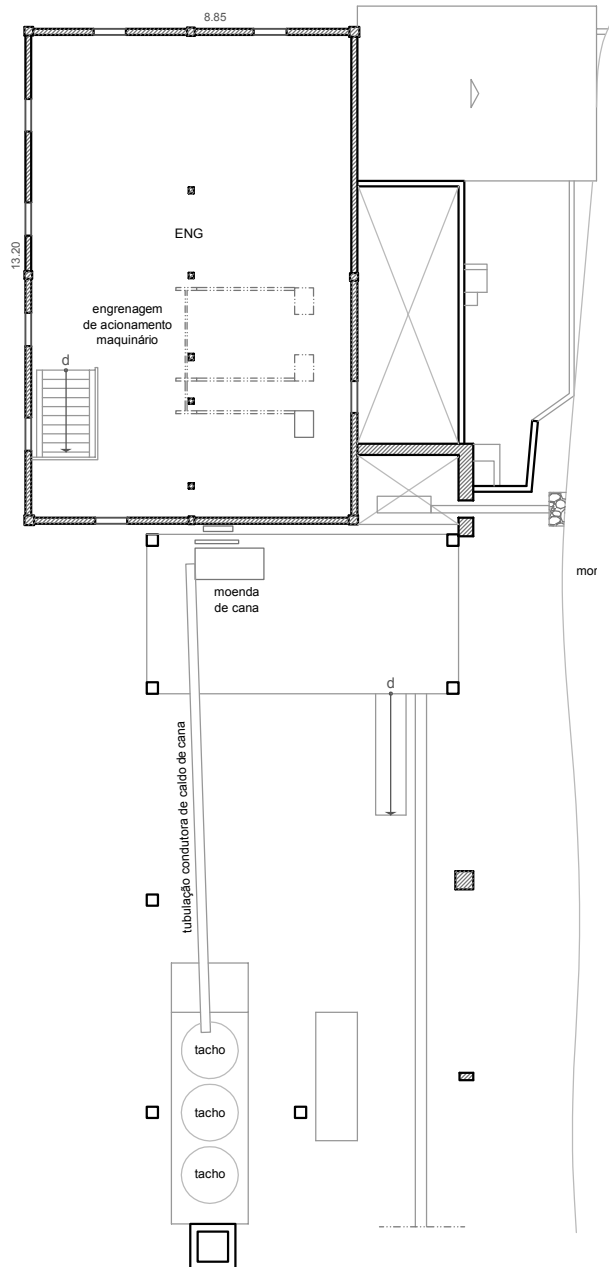
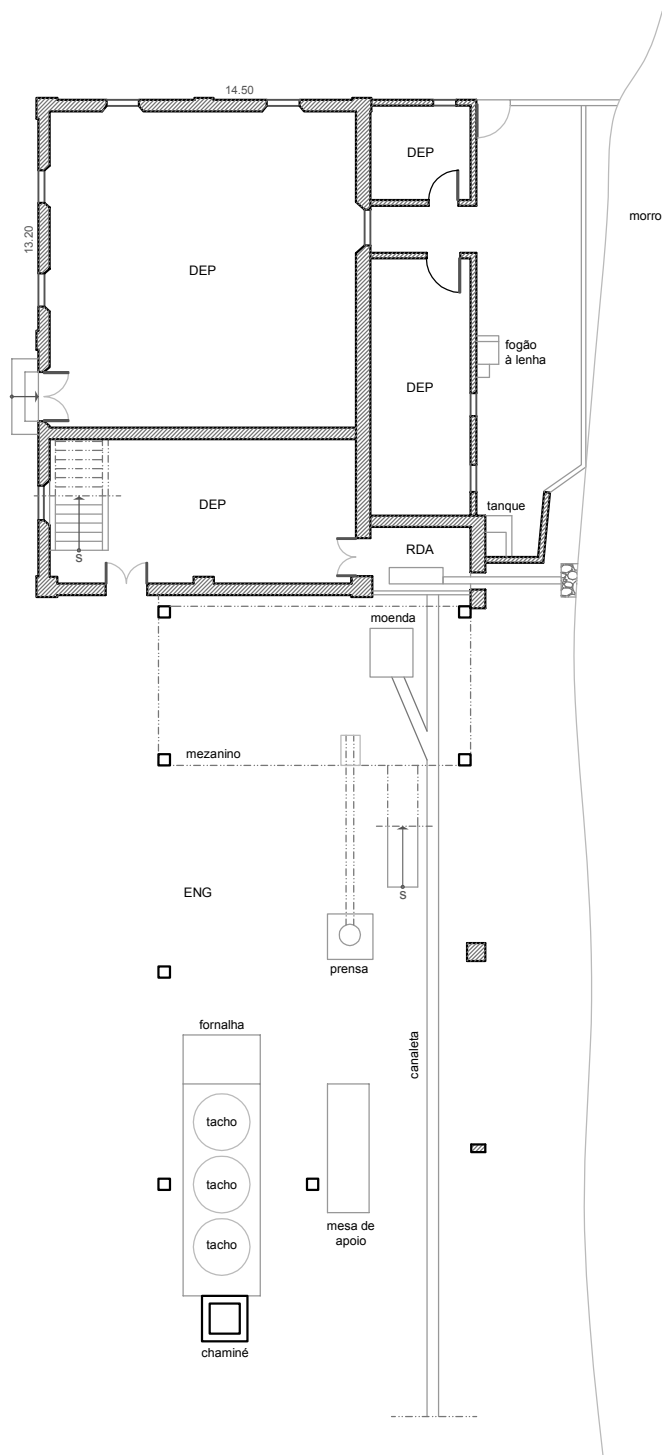
CI - circulação    DEP - depósito    LAV - lavanderia    SE - sala de estar    WC - banheiro  
 COZ - cozinha    H - hall    Q - quarto    VAR - varanda

alvenaria existente  
 alvenaria demolida

**FAZENDA SANTA CRUZ**

Observações:

1. As rodas em projeção no pavimento superior faziam parte do sistema de debulhagem do café: do pavimento térreo emergia uma cinta, que movimentava as polias e, por consequência, as máquinas a elas ligadas;
2. O tanque em frente à chaminé destina-se ao preparo de rapadura e açúcar mascavo. A prensa próxima à mesa destinava-se à fabricação de polvilho e farinha de mandioca;
3. Todo o sistema de produção do engenho (térreo e 1o. pavimento) é acionado através da interligação de correias com a única roda d'água do conjunto.



**1** Planta Baixa do Engenho - Térreo  
escala: 1/200

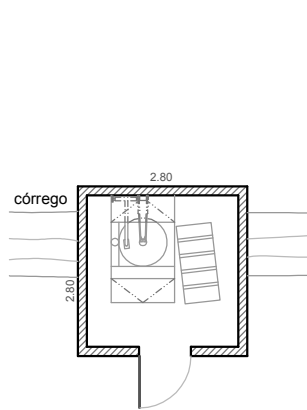
**2** Planta Baixa do Engenho - 1º Pavto.  
escala: 1/200



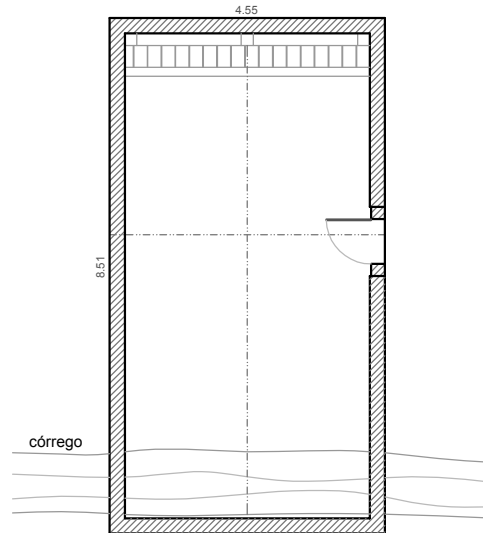
AS - área de serviço      ENG - engenho  
DEP - depósito          RDA - roda d'água

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida

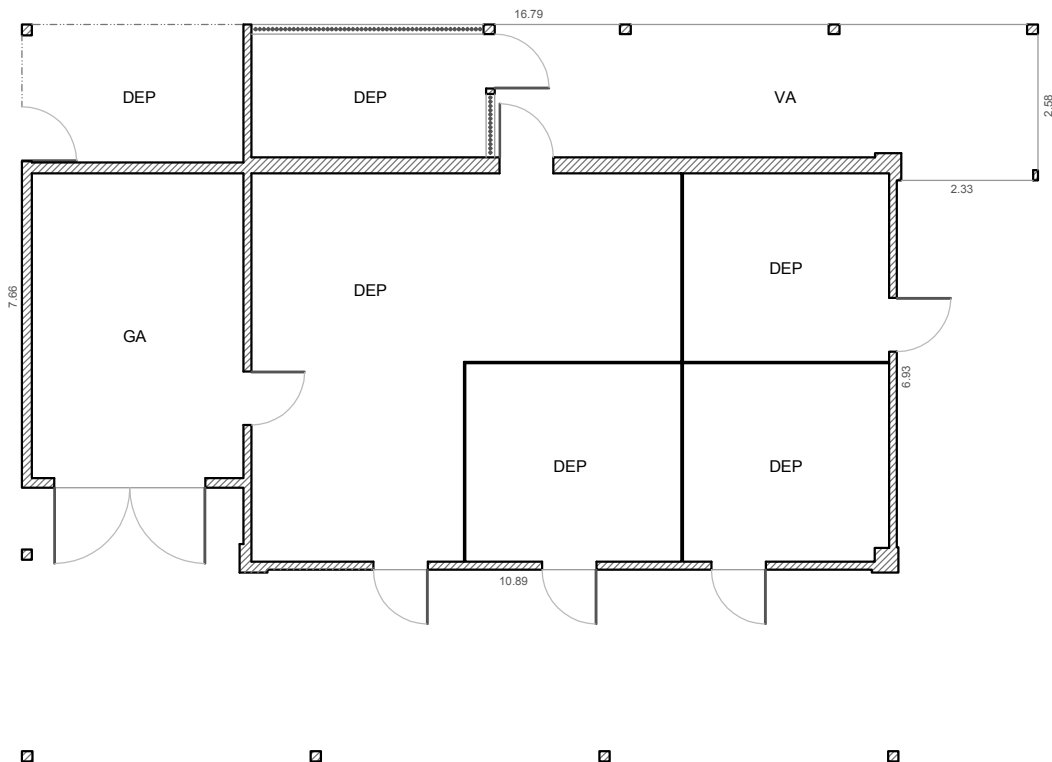
**FAZENDA SANTA CRUZ**



**2** Planta Baixa do Moinho  
escala: 1/125



**3** Planta Baixa do Curral  
escala: 1/125



**1** Planta Baixa da Tulha  
escala: 1/125



DEP - depósito    VA - varanda  
GA - garagem

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida